O 17 de fevereiro de 1934

O assassinato do operário setubalense Fernando Pedro Gil

DIOGO FERREIRA

EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL | 2024

FICHA TÉCNICA

CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

ORGANIZAÇÃO
PRESIDENTE
ANDRÉ MARTINS

VEREADOR DA CULTURA
PEDRO PINA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CULTURA, DESPORTO, DIREITOS SOCIAIS E JUVENTUDE
LUÍS LIBERATO BAPTISTA

CHEFE DO GABINETE DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL
JOSÉ LUÍS CATALÃO

TEXTO E INVESTIGAÇÃO
GABINETE DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL
DIOGO FERREIRA

DESIGN E PAGINAÇÃO
SETOR DE PRODUÇÃO E DESIGN GRÁFICO, DA DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM
ANTÓNIO CUNHA

EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL

IMPRESSÃO
REGISET

N.º DE EXEMPLARES
50

FEVEREIRO 2024

venhamvintecincos.pt

"**Quem** assistiu, disseram que nunca viram um motim desta natureza"

[Jorge Quaresma, 1976][1]

[1] RODRIGUES, Edgar, ***A oposição libertária em Portugal (1939-1974)***, Editora Sementeira, Lisboa, 1982, pp. 285-286. [Documento 12 – Testemunho de Jorge Artur Quaresma]

No quadro das comemorações dos 50 anos da Revolução de Abril de 1974 é da mais elementar justiça lembrar e homenagear os que sofreram com os pecados e crimes do Estado Novo. Trata-se de uma oportunidade para se combater o progressivo processo de desmemória a que se assiste, defender os valores espirituais da República e proteger a Democracia. Em boa-hora, o Município de Setúbal – através do Gabinete de Promoção e Divulgação do Património Histórico e Cultural – publica a presente investigação, que se dedica a evocar, analisar e descrever o trágico episódio que teve lugar à beira Sado, em 17 de fevereiro de 1934.[2] Nesse longínquo dia, um jovem operário conserveiro, Fernando Pedro Gil, foi morto por um guarda da PSP de Setúbal durante uma manifestação pública de reivindicação pela atribuição e respetivo pagamento do subsídio de defeso. Foi um dos mais dramáticos dias de repressão política que a cidade assistiu.

Na aurora da política do condicionamento industrial, que caracterizou longamente a visão económica salazarista, o setor da indústria de conservas de peixe foi uma das primeiras áreas de atividade sujeita a esta nova postura intervencionista, verificando-se uma profunda reconfiguração na transição dos anos 20 para a década de 1930. Fortemente influenciados pelo texto do ministro das Finanças, Oliveira Salazar, *Notas sobre a indústria e o comércio de conservas de peixe* (1931), os Decretos-Lei n.º 21621, n.º 21622 e n.º 21623, de agosto de 1932, regulamentaram o funcionamento da indústria, introduzindo

[2] O presente texto compila e aprofunda duas publicações editadas em 2022: 1 – FERREIRA, Diogo, "O 17 de fevereiro de 1934: A morte do operário conserveiro Fernando Pedro Gil" in ***O Setubalense***, n.º 850 de 18/05/2022, pp. 6-7; 2 – FERREIRA, Diogo, "Episódios da resistência clandestina em Setúbal III – O 17 de fevereiro de 1934: O assassinato do operário Fernando Pedro Gil" in ***Revista da Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão***, n.º 19, primavera de 2022, pp. 16-22.

formalmente o defeso obrigatório ou proibindo o registo de novas fábricas no País.[3] Numa cidade extremamente dependente da pesca e da produção de conservas de peixe, o estabelecimento do defeso foi como uma descida a um inferno dantesco, trazendo consigo o desespero do desemprego, da fome e da miséria.

Apesar do reduzido tempo disponível para a ação da Comissão de Assistência ao Operariado Conserveiro de Setúbal, criada em dezembro de 1932 com o intuito de estudar, planear e aplicar a distribuição dos subsídios de compensação pela paralisação laboral[4], a rápida disponibilização aos trabalhadores da verba estipulada, ainda que baixa, evitou manifestações de maior envergadura no decurso do defeso de 1933.[5]

No ano seguinte, a história foi outra. A longa demora para que as negociações entre industriais, Governo, Fundo do Desemprego e Consórcio Português de Conservas de Sardinha (C.P.C.S. – entidade criada pelo Estado para regular o setor) chegassem a bom porto, atrasaram a definição das verbas a atribuir, a sua distribuição e o modelo da sua gestão. Pelo meio, o defeso da pesca da sardinha e, por conseguinte, a interrupção da laboração de conservas teve início, em Setúbal, em 1 de fevereiro de 1934.[6]

Mais de duas semanas sem trabalho e sem subsídio atribuído, os protestos – exigindo o pagamento dos dias em atraso – arrancaram no dia 17 seguinte. Segundo o *Avante!* (publicação clandestina e proibida de circular), cerca de quatro mil trabalhadores participaram, ao longo deste dia, na manifestação.[7] O seu epicentro foi diante da sede da delegação local do Consórcio Português de Conservas de Sardinha, situada num 1.º andar de um edifício na esquina entre a Avenida Luísa Todi e a Rua António Nascimento.

Uma das versões dos acontecimentos, relatada pelo libertário Jorge Artur Quaresma (filho do barbeiro anarquista José Artur Quaresma), descreve que o clima de tensão nos manifestantes atingiu o pico quando um operário partiu as vidraças da porta de entrada da delegação e um vasto grupo de mulheres arrombou as portas do edifício e subiu as escadas, enquanto se ecoavam gritos: *«os nossos filhos morrem de fome»*. Perante as autoridades, com os filhos ao colo e os seios descobertos, apelaram em desespero por ajuda financeira.[8]

Segundo a versão do Governo, publicada na imprensa nacional através de uma nota oficial, a PSP de Setúbal dirigiu-se de imediato ao local e procurou dispersar todos os envolvidos de forma pacífica, disparando tiros para o ar para assustar os manifestantes. A alegada *atitude agressiva* dos manifestantes não se modificou e os polícias foram alvo de apedrejamento – dois guardas ficaram feridos –, obrigando-os a responder com maior violência. Os tiros seguintes terão sido demasiadamente baixos, resultando na morte de um jovem e num número incerto de feridos, um deles com marcas visíveis no rosto.

---

[3] Cf. BRANDÃO DE BRITO, José Maria, ***O Condicionamento Industrial e o Processo Português de Industrialização após a Segunda Grande Guerra***, vol. I, Tese de Doutoramento em Economia, Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1987.
[4] "Centro – Setúbal" in ***A Indústria***, n.º 469 de 31/12/1932, p. 1.
[5] "Factos & Comentários: Defeso e desemprego" in ***A Indústria***, n.º 474 de 03/02/1933, p. 1.
[6] Publicação sem título. ***A Mocidade***, n.º 694 de 15/01/1934, p. 2.
[7] "O Partido Comunista e o confuzionismo do grupo «A Luta de Classes»" in ***Avante!***, II Série, n.º 1, junho de 1934, p. 3. Cf. COSTA, Albérico Afonso, ***Setúbal sob o Estado Novo***, vol. I, ***A resistência a Salazar (1933-1949)***, Estuário, Setúbal, 2021, p. 42.
[8] Relato de Jorge Artur Quaresma citado a partir de: PEREIRA, Alberto; LOPES, José Madureira, ***A Indústria de Conservas de Peixe em Setúbal***, Estuário, Setúbal, 2015, p. 243.

Edifício onde se encontrava instalada a sede do C.P.C.S., em Setúbal (15/03/1934)

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Empresa Pública Jornal *O Século*, Serviço de Fotografia, Álbuns Gerais, Álbuns Alfabéticos, Álbum n.º 28, Letra I, Fotografia n.º 0325I. **Código de Referência:** PT/TT/EPJS/SF/001-001/0028/0325

A mesma nota fez questão de sublinhar que alguns *agitadores* teriam conhecimento de que, nesse mesmo dia 17 de fevereiro, a longa reunião entre o ministro do Comércio (Sebastião Ramirez), o ministro das Obras Públicas (eng.º Duarte Pacheco), o Governador Civil do Distrito de Setúbal (Dr. Mário Caes Esteves) e os delegados dos industriais conserveiros (Mariano Augusto Coelho e Faustino Currito) tinha garantido um acordo para que as fábricas de conservas reabrissem na segunda-feira seguinte. O texto redigido pelas autoridades governativas, para além do enunciado, defendeu que o ministério dirigido por Oliveira Salazar há muito que vinha estudando medidas tendentes a solucionar o problema do desemprego, nos centros conserveiros, durante o defeso e foca-se em enaltecer a intervenção de *"alguns agitadores, que só procuram a desordem para melhor conseguir os seus fins de indisciplina social e que, porventura, já estavam informados da solução encontrada, amotinaram algumas dezenas de operários"*[9]. O acordo estabelecia os dias de trabalho semanais aos operários (três para os homens e dois para as mulheres) e a distribuição da verba (1800 contos) para os subsídios.[10]

Esta posição de desresponsabilização das ações dos guardas, que tiraram a vida a um trabalhador, foi acompanhada pela tentativa de retirar legitimidade aos protestos. Na edição do dia 17, *O Setubalense* comunicou ao público que a reunião mencionada entre todos os representantes poderia finalizar o acordo, o que confirmou em *Última Hora*.[11]

Fernando Pedro Gil, morto pela P.S.P. de Setúbal, em 17 de fevereiro de 1934

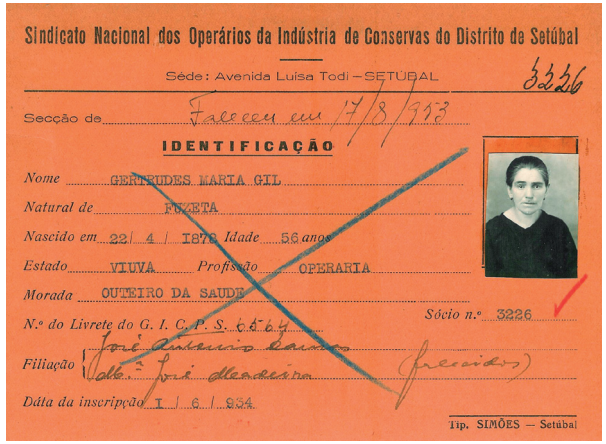
Fonte: AR2657A | Américo Ribeiro | Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro | SEMU | DICUL | DCDJ | Câmara Municipal de Setúbal.

[9] Cf. "Um conflito em Setúbal – Um morto e alguns feridos" in ***O Século***, n.º 18653 de 18/02/1934.
[10] "Alteração da ordem em Setúbal" in ***Diário de Notícias***, n.º 24440 de 18/02/1934, p. 1.
[11] "A crise conserveira" in ***O Setubalense***, n.º 4892 de 17/02/1934, p. 1. "Em Setúbal – Nota oficiosa" in ***O Setubalense***, n.º 4892 de 17/02/1934, p. 6.

Um aspeto que pode dificultar a reconstituição da sequência destes eventos prende-se com a coincidência da morte do monarca Alberto I da Bélgica ter sucedido no mesmo dia 17 de fevereiro, num acidente de alpinismo. A imprensa portuguesa fez manchetes e capas exclusivamente dedicadas ao caso, marginalizando o assassinato à beira Sado. Do mesmo modo, numa conjuntura de censura, as edições de domingo dos periódicos de tiragem nacional, nomeadamente o *Diário de Lisboa*, o *Diário de Notícias* ou *O Século*, apenas deram à estampa a mencionada nota oficial, enviada pelo Governo durante a noite de 17. Não foram publicados artigos enviados pelos correspondentes locais daqueles jornais.

O registo de inumação permite reconstruir alguns dados biográficos deste anónimo, perdido no limbo da memória coletiva setubalense até ao ano passado. Fernando Pedro Gil nasceu na freguesia de S. Julião (Setúbal), filho de José António Gil (falecido) e de Gertrudes Maria Gil, tinha 19 anos e residia na Rua da Bela Vista. Solteiro e operário numa fábrica de conservas, foi sepultado às 13h do dia 19, na campa 148 do quadro n.º 9 do Cemitério da Piedade. Nas observações desta fonte documental, toma-se conhecimento de que, em 26 de março de 1939, os seus restos mortais foram alvo de exumação particular e que foi *"vítima dos acontecimentos da Avenida Todi, junto aos Consórcio de Conservas"*[12], falecendo por volta das 17h daquele dia 17 de fevereiro.

Da investigação efetuada apenas se conseguiu vislumbrar mais alguns dados em torno da mãe de Fernando Pedro Gil, Gertrudes Maria Gil. Nascida em 22 de abril de 1878, era natural da Fuzeta e filha de José António Damas e Maria José Madeira. Iniciou funções no setor conserveiro, em Olhão, quando tinha apenas 10 anos. Posteriormente, veio viver para Setúbal, residindo junto ao Outeiro da Saúde. Era viúva.[13]


Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal

Séde: Avenida Luísa Todi — SETÚBAL

3226

Secção de Faleceu em 17/8/933

IDENTIFICAÇÃO

Nome GERTRUDES MARIA GIL

Natural de FUZETA

Nascido em 22 | 4 | 1878 Idade 56 anos

Estado VIUVA Profissão OPERARIA

Morada OUTEIRO DA SAUDE

N.º do Livrete do G. I. C. P. S. 6564 Sócio n.º 3226

Filiação José António Gil (falecido) Mãe: José Madeira (falecida)

Dáta da inscripção 1 | 6 | 934

Tip. SIMÕES — Setúbal

Ficha de operária da mãe do falecido, Gertrudes Maria Gil

Fonte: Centro de Documentação do Museu do Trabalho Michel Giacometti, Fundo do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal, Ficha do sócio n.º 3226. **Nota:** Tendo em vista a data de inscrição no Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal, a fotografia poderá ser da mesma época. Coloca-se a hipótese de Gertrudes Maria Gil estar vestida de preto em luto pela morte do filho.

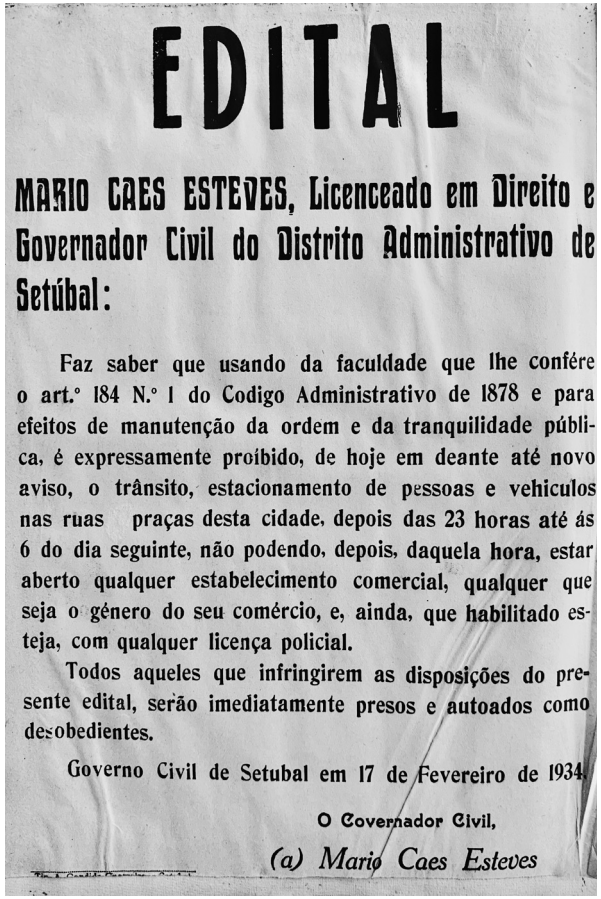
O Governador Civil de Setúbal, naquele trágico dia, proibiu a circulação de pessoas, o trânsito de veículos e o funcionamento de estabelecimentos comerciais, entre as 23h e as 06h, *"para efeitos de manutenção da ordem e da tranquilidade pública"*[14], sob pena de prisão e autuação. Ao mesmo tempo, ordenou que fosse enviado um pequeno grupo de 10 tropas do R.I. n.º 11 para proteger a Central Elétrica, tendo como lembrança um dos principais objetivos definidos para a Greve Geral Revolucionária do 18

[12] Arquivo Municipal da C.M. de Setúbal, Fundo da C.M. de Setúbal, Serviços Urbanos, Cemitérios, Cemitério da Piedade, Inumações, Livro n.º 11, p. 78.

[13] Centro de Documentação do Museu do Trabalho Michel Giacometti, Fundo do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal, Ficha do sócio n.º 3226.

[14] Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo do Governo Civil de Setúbal, Lv. de Editais (1927-1939), Editais de 17/02/1934 e de 19/02/1934.

de janeiro de 1934. Como parêntesis, é de lembrar a capacidade de resistência destes trabalhadores, num quadro em que figuras importantes do sindicalismo local tinham sido detidas por integrarem o Comité Local Revolucionário (*e.g.* Jaime Rebelo ou José Bernardo), e com a recém extinção dos sindicatos livres através do Estatuto do Trabalho Nacional.[15]



EDITAL

MARIO CAES ESTEVES, Licenceado em Direito e Governador Civil do Distrito Administrativo de Setúbal:

Faz saber que usando da faculdade que lhe confére o art.° 184 N.° 1 do Codigo Administrativo de 1878 e para efeitos de manutenção da ordem e da tranquilidade pública, é expressamente proibido, de hoje em deante até novo aviso, o trânsito, estacionamento de pessoas e vehiculos nas ruas praças desta cidade, depois das 23 horas até ás 6 do dia seguinte, não podendo, depois, daquela hora, estar aberto qualquer estabelecimento comercial, qualquer que seja o género do seu comércio, e, ainda, que habilitado esteja, com qualquer licença policial.

Todos aqueles que infringirem as disposições do presente edital, serão imediatamente presos e autoados como desobedientes.

Governo Civil de Setubal em 17 de Fevereiro de 1934.

O Governador Civil,

(a) Mario Caes Esteves

Edital proibindo a livre circulação de pessoas em Setúbal (17/02/1934)

Fonte: Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo do Governo Civil do Distrito de Setúbal, Lv. de Editais (1927-1939), Edital de 17/02/1934 emitido pelo Governador Civil do Distrito de Setúbal, Dr. Mário Caes Esteves.

Pela cidade correram boatos de que os manifestantes se teriam dirigido de forma exaltada ao quartel do Regimento de Infantaria n.º 11, o que foi desmentido após as diligências efetuadas pelo respetivo comandante, para averiguar a sua veracidade. Todavia, comprovou-se que um engraxador conhecido por 'O Tocha' surgiu à entrada do quartel, com o fato sujo de sangue, por ter morrido o seu irmão, pedindo uma arma a um sargento.[16] A sua exaltação poderá ter atingido picos ainda maiores, uma vez que terá ficado cego, em resultado dos confrontos.

Os jornais locais (e.g. *O Setubalense*; *A Indústria*; *A Mocidade*; *O Eco de Setúbal*), uns pressionados pela censura, outros favoráveis ao regime, abafaram por completo o caso, fazendo meras referências aos sangrentos acontecimentos que enlutaram Setúbal, sem identificarem o indivíduo que faleceu e sem descreverem pormenorizadamente o que sucedeu. *O Setubalense*, seguindo a tendência nacional e global, dedicou a primeira página da edição de segunda-feira (dia 19) à morte do Rei Alberto I da Bélgica. Apenas na página 8, abordando a reabertura das fábricas, centrou superficialmente os sangrentos acontecimentos do sábado anterior: *"Colhidos de surpresa, já depois de tudo resolvido, com a notícia dos lamentáveis sucessos de sábado, a reabertura das fábricas esteve a ponto de se não dar hoje, visto que o Governo pretendia saber antes se o que ocorrera representava um acto de coação, pois sendo assim não o admitiria"*[17]. Em simultâneo, comunicou que o Governador Civil de Setúbal declarou que a manifestação foi obra de ope-

[15] FERREIRA, Diogo, ***A Greve Geral Revolucionária de 18 de Janeiro de 1934 à beira Sado: O descuido estratégico e a ausência da 'Barcelona Portuguesa'***, Centro de Estudos Bocageanos, Setúbal, 2024.

[16] Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Interior, Gabinete do Ministro, Maço 468 [pt. 25/9], Cópia de relatório de 25/02/1934 enviado pelo Comandante do Regimento de Infantaria n.º 11 para o Governador Militar de Lisboa.

[17] "A abertura das fábricas" in ***O Setubalense***, n.º 4893 de 19/02/1934, p. 8.

> Capa d'*O Setubalense* de 19 de fevereiro de 1934

Fonte: *O Setubalense*, n.º 4893 de 19/02/1934. Hemeroteca da Biblioteca Municipal de Setúbal.

rários inconscientes, tendo percorrido de carro todas as fábricas na manhã do dia 19, no intuito de assegurar que estavam reunidas as condições para que fossem reabertas e voltarem a entrar em funcionamento.

Ao final do dia, inquiriu cerca de 200 operários (três delegados por fábrica) para compreender a razão do conflito, uma vez que este ocorreu após se ter chegado a acordo, em Lisboa, entre todos os responsáveis envolvidos. E o acordo já seria, alegadamente, do conhecimento público.[18] Perante o Governo, assumiu a responsabilidade pessoal da reabertura das fábricas, permitindo o regresso ao trabalho de cerca de seis mil pessoas.

A Indústria apenas se referiu superficialmente aos *"acontecimentos sangrentos que, no último sábado, enlutaram Setúbal"*[19], dirigindo rasgados elogios ao papel decisivo do então Governador Civil de Setúbal, Dr. Mário Caes Esteves, para permitir a reabertura dos estabelecimentos fabris e para o acordo aprovado com as entidades competentes para a atribuição do subsídio de defeso. *A Mocidade*, em apenas duas linhas, apontou ao facto de o conflito ter resultado na morte de um *infeliz* que, alegadamente, estaria alheio ao mesmo.[20] Por seu turno, *O Eco de Setúbal* foi omisso. Na Espanha Republicana, o evento teve destaque nalguns periódicos de relevo, nomeadamente o *La Voz* ou o *La Época*. Segundo este último, as razões para o descontentamento dos manifestantes disseram respeito à redução da verba estipulada para o subsídio de defeso.[21]

[18] "Em Setúbal – Nota oficiosa" in ***O Setubalense***, n.º 4892 de 17/02/1934, p. 6.
[19] "A acção do sr. dr. Mário Esteves, ilustre governador civil do distrito" in ***A Indústria***, n.º 516 de 21/02/1934, p. 1.
[20] Artigo sem título. ***A Mocidade***, n.º 697 de 01/03/1934, p. 2.
[21] "Graves sucesos de carácter social en Setúbal" in ***La Época***, n.º 29.384 de 19/02/1934, p. 6.

ANO — XVIII N.º 4893 SETUBAL — Segunda-feira, 19 Fevereiro de 1934

O SETUBALENSE

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Redação, Administração e Composição Rua do Diario «O Setubalense», n.º 21-1.º Impressão — P. de Bocage, 6-94 e 96

Director e proprietario LUIZ FARIA TRINDADE A quem deve ser dirigida toda a correspondencia Editor: AUGUSTO NEVES

Numero avulso: 30 centavos Telegramas: «Jornal Setubalense» Telefone 265 — SETUBAL

O rei Alberto

Com absoluta justiça se póde dizer que morreu um grande homem, e que esta grandeza não era apenas relativa, confinada nos estreitos limites dum paiz ou dum continente, mas sim uma grandeza tomada no sentido absoluto, notavel mesmo entre os mais altos valores morais de todo o mundo.

Morreu um grande homem. Este grande homem, era o rei Alberto da Belgica, victima dum acidente de alpinismo no seu paiz.

O destino foi injusto e caprichoso com ele. Deu-lhe a morte que não merecia. O homem que tivera a vida exemplar do rei Alberto, merecia sem duvida que os fados lhe tivessem permitido morrer tranquilamente no seu leito, rodeado dos carinhos confortadores que pódem tornar aos moribundos o seu passamento mais suave...

Morreu um grande homem. Não foi grande homem pelo facto meramente acidental de ter cingido uma corôa e subido ao trono duma das mais belas nações do mundo. Muitos homens têm ascendido, reis ou não, ás maiores alturas sociais, contentando a sua vaidade com as falazes glorias da vida e com a vã cobiça de mandar bem satisfeita. Mas nem por isso foram grandes, não conquistaram na historia, nem no coração das gerações que depois os julgaram, aquele logar de eleição que se dá apenas aos que na verdade tiveram grandeza que o justificasse.

O rei dos belgas agora falecido foi um grande homem, não por ter sido rei, o que é secundário, mas porque foi um cidadão exemplar, sob qualquer aspecto que a sua vida seja analisada.

Pela sua integridade moral e pelo uso que ele soube fazer dos poderes que o seu alto cargo lhe confiára, foi ele facto o primeiro cidadão da Belgica e um dos primeiros cidadãos do mundo.

Como o afirmam várias individualidades dos mais distantes países, numa unanimidade de julgamento que é a maior homenagem ás virtudes do ilustre morto, e conforme lemos nos jornais da manhã, podemos dizer tambem, com a tranquila segurança de quem afirma uma verdade evidente e indestructivel, que a Democracía perdeu, nesta hora trágica para ela, um dos seus melhores servidores, um homem que era no meio dum mundo desorientado, um chefe, com todas as qualidades que são absolutamente indispensáveis nos chefes.

Por mais duma vez tivémos ocasião de nos referirmos no nosso jornal á acção do rei Alberto, pondo em relêvo o que êle fazia não só para manter as instituições do seu país na sua integridade fundamental e no seu prestigio, como até para restabelecer a ordem no mundo, pela preconisação de altas medidas liberais, que anulassem o efeito dos muitos excessos dos vários nacionalismos económicos que êle condenava, apontando-os, inteligentemente, como causa principal da desorganisação económica e política internacional e considerando-os uma séria ameaça para a paz do mundo, que êles, constantemente e cada vez mais, estavam pondo em perigo.

Está ainda bem presente a carta que o falecido monarca no ano findo dirigiu, sobre este assunto, ao seu primeiro ministro e a que a imprensa de todo o mundo deu o relevo que realmente merecia e fez os mais favoraveis comentarios, aplaudindo-a, dum modo geral, quasi toda.

Morre o rei dos belgas relativamente novo, quando o seu vigôr mental e fisico, permitia contar com ele ainda por muito tempo, para auxiliar eficazmente uma grande obra de renovação politica e social no seu país e, reflexamente, fora dêle.

Por tudo quanto deixamos dito, facil é comprehender e sentir o sincero pesar que a morte do soberano belga causou ao seu povo e a funda tristesa que a infausta noticia do seu falecimento despertou no mundo.

Grande virtude era a deste homem exemplar, deante de cujo cadaver se recolhem, respeitosos, prestando-lhe uma significativa homenagem, os seus proprios adversarios politicos e, inclusivamente, os seus inimigos de ontem nos campos de batalha!

«O Setubalense», comungando no mesmo pesar geral, manifesta o seu sentimento, apresentando á colonia belga nesta cidade os seus cumprimentos de pesames, pelo golpe doloroso que tão brutalmente acaba de ferir a sua alma e o seu patriotismo.

A morte do Rei Soldado

Poucas vezes como agora, a morte de um soberano estrangeiro tem causado em Portugal tão grande emoção como a que se está registando com o tragico passamento do heroico Rei-Soldado, que tão nobremente soube na Belgica fazer frente ao inimigo quando da invasão do seu territorio pelas tropas alemãs. A propria Alemanha reconhecen o poder invencivel desse homem, que, embora visse a sua patria talada pelo invassor, jamais conheceu de perto o esmorecimento do seu caracter, e da sua resistencia.

Portugal, acompanhando nesta hora de luto pezadissimo, a nação —martir, que não esperava tão cedo vir a perder o seu mais lidimo defensor, relembra as amisades do antigo monarca com cultos republicanos portuguezes que muito estimava e faz votos para que a Belgica continue a ser o paiz da inteligencia e do trabalho que até hoje tem dado sobejas provas.

Segue o serviço telegráfico que recebemos durante o dia:

Montanhas de telegramas

BRUXELAS, 19—E' extraordinaria a quantidade de telegramas de sentimento, que a viuva do rei Alberto tem recebido, telegramas que lhe são enderessados de todas as partes do mundo. Dos mais longiquos pontos do universo chegaram despachos telegráficos nos quaes se lastima a morte do rei em sentidissimas palavras de respeito.

Todos os soberanos da Europa e presidentes de Republicas telegrafaram tambem á familia real a quem acompanham nesta hora de dor.

O sentimento da França

PARIS, 19—Vão seguir para a Belgica varias deputações francezas que se incorporarão nos funeraes do rei Alberto.

Em inumeros edificios encontra-se a meia haste a bandeira francesa e a belga, ambas envoltas em crepes.

Doumergue, Herriot e outros cultos da politica franceza, representarão a França nos funeraes.

Tambem do Havre irão a Bruxelas algumas deputações francezas.

No dia dos funeraes do rei Alberto, uma bataria de artilharia colocada nos Invalidos dará as salvas de honra em homenagem á memoria do que foi rei dos belgas, soldado heroico da Grande Guerra e grande amigo da França.

Na Inglaterra

LONDRES, 19.—Toda a familia real começou a trajar de luto bem como os dignatarios do Paço, por motivo da morte do rei Alberto.

No dia destinado aos funeraes serão em toda a Inglaterra prestadas honras funebres militares ao extinto monarca.

A emoção causada pelo desastre sucedido ao rei, tem sido grande, tendo a imprensa publicado edições sucessivas sobre o tragico sucesso.

O luto dos belgas

BRUXELAS, 19.—Todo o comercio conserva encerrados os seus estabelecimentos com exceção dos armazens de viveres. Estes encontram-se com as portas semi-cerradas.

As vendedeiras de flores dos mercados mandaram para o palacio real lindissimas «gerbes» de flores naturaes com a designação «para serem colocadas aos pés do nosso amado rei».

As casas de corôas teem numerosissimas encomendas, trabalhando o pessoal dia e noite. Algumas já em exposição, são riquissimas.

A' Liga dos Combatentes da Grande Guerra Belga, tem sido dirigidos muitos telegramas de condolencias.

Nas ruas, os vendedores ambulantes, apregôam a venda de postaes e retratos litografados do rei.

DISTURBIOS EN SETUBAL

Un grupo de obreros apedrea a la fuerza pública, la cual dispara y mata a un obrero y hiere a diez

LISBOA 19 (9 m.). — El Gobierno ha facilitado una nota oficiosa que dice así:

"El Gobierno, que estudia desde hace algún tiempo, bajo todos sus aspectos, la solución del problema del paro forzoso en los centros industriales de conservas, acordó ayer, durante una reunión celebrada por los ministros de Trabajo y Comercio con el gobernador civil de Setubal y los delegados de los fabricantes de conservas de dicha plaza, medidas para resolver la crisis, y poco después vióse sorprendido con el anuncio de que en Setubal se habían producido desórdenes.

Algunos agitadores, buscando el desorden para mejor lograr sus fines, quizá conociendo ya la solución dada por el Gobierno al asunto, han inducido a varios obreros a que se dirigieran en manifestación a la Dirección del Consorcio de Conservas, cuyo edificio apedrearon. La Policía enviada para mantener el orden se dirigió en tonos conciliatorios a los revoltosos, los cuales, por toda respuesta, apedrearon a los guardias, a dos de los cuales hirieron, y en vista de ello, las fuerzas dispararon al aire, y después, y ante la actitud de los manifestantes, se vieron obligadas a defenderse, y resultaron de la colisión un muerto y dos heridos.

El orden ha quedado restablecido, y el gobernador civil ha sido encargado de estudiar la oportunidad de la reapertura de las fábricas, así como de abrir una encuesta para depurar los hechos."

Informes particulares dicen que el obrero muerto se llama Fernando Silva y que los heridos son diez, dos de ellos graves. (Fabra.)

Artigo num jornal espanhol em torno dos acontecimentos

Fonte: *La Voz*, n.º 4103 de 19/02/1934, p. 1.

Em virtude de grande parte do arquivo do Governo Civil de Setúbal ter desaparecido e as fontes da C.M. de Setúbal serem manchadas pelo silêncio (*e.g.* não existe voto de pesar nas atas do executivo), um ofício enviado pelo capitão do porto de Setúbal, capitão-tenente José Vicente Lopes, para a tutela é determinante para compreender a posição e a atitude dos responsáveis locais. Segundo informou o Departamento Marítimo do Centro, *"desejando as autoridades administrativas evitar a todo o custo que se fizesse uma projetada especulação com o funeral* [...] [que] *seria revestido de grande pompa, acompanhado de duas filarmónicas, apresentando em parada todas as forças operárias de Setúbal* [...] *percorrendo a cidade de lés a lés* [...] *apelaram para a Capitania para ver se, com o seu prestígio, evitava essa manifestação que poderia ser o princípio de grande incêndio"*[22].

Com o intuito de evitar que Fernando Pedro Gil se transformasse num mártir político, à semelhança de António Mendes e de Maria do Carmo Torres (vulgo Mariana), o capitão do porto de Setúbal ordenou que o 1.º tenente Francisco António Rocha e algumas praças se dirigissem à habitação do irmão do jovem falecido, o grumete de manobra José Gil, às 3h00 da madrugada. Este encontrava-se a velar o corpo, quando lhe bateram à porta para o informarem que era necessário proceder a um inquérito aos factos ocorridos e autopsiar o cadáver. Não era verdade.

Segundo expressão do mesmo ofício – que se pode observar na imagem –, esta decisão fazia parte de um *plano* programado pelas autoridades locais do Estado Novo para se anteciparem aos manifestantes e evitarem o cortejo fúnebre de homenagem. Naquela noite procedeu-se a uma pequena cerimónia fúnebre, apenas com os familiares mais próximos, numa camionete pronta para o efeito, sem qualquer tipo de dignidade. A autópsia, inclusive, foi dispensada formalmente, provando que fora uma mera jogada de xadrez. O cadáver foi então depositado no cemitério. De forma clara, as autoridades atingiam o seu objetivo: evitar um cortejo fúnebre promovido pelo universo operário ao longo das ruas de Setúbal. A marcação do funeral para toda a comunidade foi agendada para as 13h00 do dia 19, aproveitando o facto de os ope-

Capitão-Tenente José Vicente Lopes, capitão do porto de Setúbal

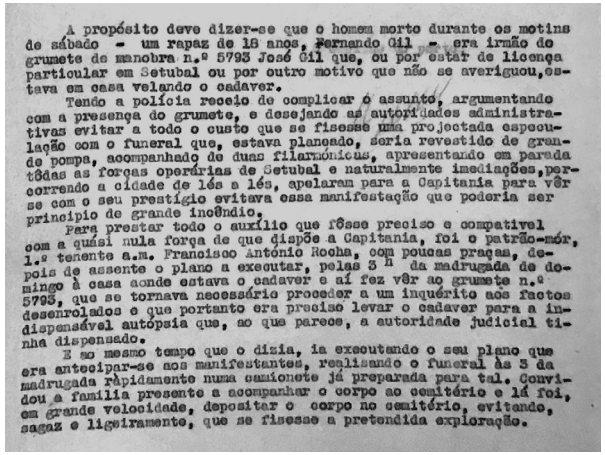
Fonte: Biblioteca Central da Marinha – Arquivo Histórico, Álbum 10, Página 31, N.º 1908.

1.º Tenente Francisco António Rocha

Fonte: Biblioteca Central da Marinha – Arquivo Histórico, Álbum 16, Página 78, N.º 5133.

[22] Centro de Documentação e Informação – Arquivo Central da Marinha, Núcleo 174 (Capitania do porto de Setúbal), Maço 659, Processo n.º 77 (Defeso do fabrico de conserva), Ofício n.º 279 de 21/02/1934 enviado pelo Capitão do porto de Setúbal para o Departamento Marítimo do Centro.

rários conserveiros terem retomado o trabalho (as fábricas reabriram na segunda-feira). A assistência foi diminuta, passando despercebido junto do povo.[23]



A propósito deve dizer-se que o homem morto durante os motins de sábado - um rapaz de 18 anos, Fernando Gil - era irmão do grumete de manobra n.º 5793 José Gil que, ou por estar de licença particular em Setubal ou por outro motivo que não se averiguou, estava em casa velando o cadaver.

Tendo a polícia receio de complicar o assunto, argumentando com a presença do grumete, e desejando as autoridades administrativas evitar a todo o custo que se fisesse uma projectada especulação com o funeral que, estava planeado, seria revestido de grande pompa, acompanhado de duas filarmónicas, apresentando em parada tôdas as forças operárias de Setubal e naturalmente imediações, percorrendo a cidade de lés a lés, apelaram para a Capitania para vêr se com o seu prestígio evitava essa manifestação que poderia ser principio de grande incêndio.

Para prestar todo o auxílio que fôsse preciso e compativel com a quási nula força de que dispõe a Capitania, foi o patrão-mór, 1.º tenente a.m. Francisco António Rocha, com poucas praças, depois de assente o plano a executar, pelas 3 h da madrugada de domingo à casa aonde estava o cadaver e aí fez vêr ao grumete n.º 5793, que se tornava necessário proceder a um inquérito aos factos desenrolados e que portanto era preciso levar o cadaver para a indispensável autópsia que, ao que parece, a autoridade judicial tinha dispensado.

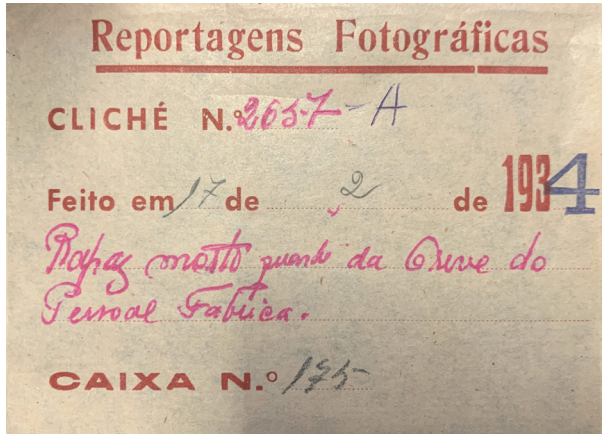
E ao mesmo tempo que o dizia, ia executando o seu plano que era antecipar-se aos manifestantes, realisando o funeral às 3 da madrugada ràpidamente numa camionete já preparada para tal. Convidou a familia presente a acompanhar o corpo ao cemitério e lá foi, em grande velocidade, depositar o corpo no cemitério, evitando, sagaz e ligeiramente, que se fisesse a pretendida exploração.

Excerto do ofício do capitão do porto de Setúbal para o Departamento Marítimo do Centro

Fonte: Centro de Documentação e Informação – Arquivo Central da Marinha, Núcleo 174 (Capitania do porto de Setúbal), Maço 659, Processo n.º 77 (Defeso do fabrico de conserva), Ofício n.º 279 de 21/02/1934 enviado pelo Capitão do porto de Setúbal para o Departamento Marítimo do Centro.

Na capital, a PVDE deteve Álvaro Gonçalves ('Álvaro das Carnes Verdes'), em abril de 1934, apreendendo, entre outra propaganda *subversiva*, 14 manifestos intitulados *"Respondendo à ofensiva sanguinária salazarista sobre os trabalhadores de Setúbal com a corajosa preparação de amplas jornadas de fome em todas as zonas piscatórias e conserveiras do País"*[24]. Coloca-se a hipótese que este documento estaria intimamente ligado ao assassinato de Fernando Pedro Gil. Todavia, infelizmente, este não se encontra apenso ao processo político de Álvaro Gonçalves no fundo da PIDE/DGS à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Em visita ao Arquivo Histórico-Militar, para consultar o fundo do Tribunal Militar Especial Político, onde este preso foi julgado e condenado, tomou-se conhecimento que não se encontra disponível por ter sido, na época, alvo de recurso judicial, indo parar a outra instituição.

[23] "A crise de trabalho em Setúbal" in ***O Século***, n.º 18655 de 20/02/1934, p. 2.
[24] LOPES, Maria Filomena Rocha, ***O sindicalismo português entre 1933 e 1974: orientações políticas e estratégicas do Partido Comunista Português para a luta sindical***, Tese de Doutoramento em História, FLUL, Lisboa, 2012, p. 147.

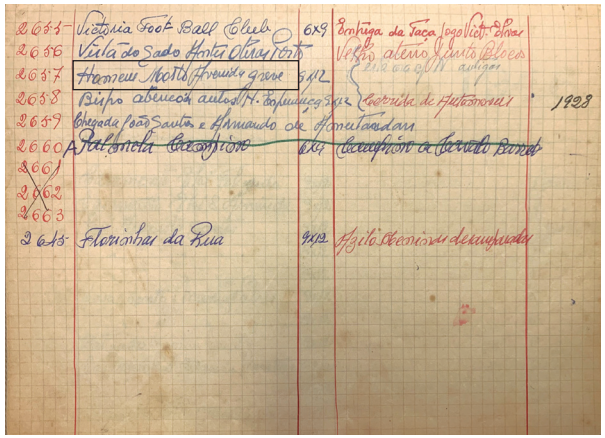


Invólucro do negativo da fotografia

Fonte: Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. Fotografia pelo autor do texto.
Nota: Observa-se a data como tendo sido em 17 de fevereiro de 1934 como reportagem fotográfica.

Para finalizar este texto, importa justificar a razão pela qual se considera que a fotografia da personalidade no chão, repleta de sangue (muito provavelmente, a mais dramática e trágica da coleção do Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro), se trata de Fernando Pedro Gil e não António Mendes (morto na greve de 1911), ainda que futuras investigações possam provar o contrário. Por um lado, o invólucro do negativo da fotografia foi datado por Américo Ribeiro exatamente no dia dos acontecimentos (17/02/1934) e é uma reportagem fotográfica sua e, por outro, os fantasmas da fotografia (observa-se um guarda com uma arma) poderão indiciar que se trata do edifício que se situa entre o antigo Cine-Teatro Luísa Todi e o

prédio adjacente ao do da delegação do C.P.C.S., devido aos arcos e aos tracejados horizontais que caracterizam a sua fachada. Por sugestão da Dra. Maria Francisca Ribeiro (Museu de Setúbal/Convento de Jesus), é percetível na imagem uma mulher cujo vestido não vai até aos pés, indicativo de uma roupa mais típica dos anos 30 e não do início do século XX.



Registo da entrada n. 2657 no álbum de reportagens de Américo Ribeiro

Fonte: Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro, 1.º Álbum de Reportagens (1936-1946). Fotografia do autor.
Transcrição do original: *"2657 / Homem Morto Avenida Greve / 9x12"*

Mais importante, na edição de 15 de março de 1911 do periódico lisboeta *República*, é relatado que a morte de António Mendes foi provocada por *"uma bala que entrou pelo deltoide direito, atravessando-lhe os pulmões e vindo a sair pelo deltoide esquerdo"*[25]. Na fotografia denota-se o crânio parcialmente desfeito e o casaco intacto, inclusive a zona do ombro esquerdo, sem buraco de saída da bala. Talvez preocupado com a polícia política, Américo Ribeiro apenas registou esta reportagem fotográfica no final do seu primeiro álbum, não seguindo o encadeamento cronológico.[26]

A trágica história de Fernando Pedro Gil merece a sua divulgação e perpetuação na memória da resistência e da oposição setubalense ao fascismo. Foi esse o grande incentivo deste texto. Falta a eternidade na toponímia.

DIOGO FERREIRA, HISTORIADOR

GABINETE DE PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA C.M. DE SETÚBAL
INVESTIGADOR DO HTC/NOVA FCSH

[25] "O movimento grevista – Em Lisboa e em Setúbal" in ***República***, n.º 59 de 15/03/1911, p. 1.

[26] Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro, 1.º Álbum de Reportagens (1936-1946), entrada n.º 2657 – 'Homem Morto Avenida Greve'.

DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA

FONTES PRIMÁRIAS

Arquivo Distrital de Setúbal
Fundo do Governo Civil de Setúbal

Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro
Coleção Américo Ribeiro
Álbuns de Reportagens

Arquivo Municipal de Setúbal
Fundo da C.M. de Setúbal

Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Fundo da Empresa Pública Jornal *O Século*
Fundo do Ministério do Interior

Biblioteca Central da Marinha – Arquivo Histórico
Coleção de fotografias de oficiais

Centro de Documentação e Informação – Arquivo Central da Marinha
Núcleo 174 (Capitania do porto de Setúbal)

Centro de Documentação do Museu do Trabalho Michel Giacometti
Fundo do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal

FONTES SECUNDÁRIAS

Imprensa nacional e estrangeira
Avante! (1934)
Diário de Notícias (1934)
La Época (1934)
La Voz (1934)
O Século (1934)
República (1911)

Imprensa local
A Indústria (1932; 1933; 1934)
A Mocidade (1934)
O Setubalense (1934)

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO DE BRITO, José Maria, ***O Condicionamento Industrial e o Processo Português de Industrialização após a Segunda Grande Guerra***, vol. I, Tese de Doutoramento em Economia, Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 1987.

COSTA, Albérico Afonso, ***Setúbal sob o Estado Novo***, vol. I, ***A resistência a Salazar (1933–1949)***, Estuário, Setúbal, 2021.

FERREIRA, Diogo, "Episódios da resistência clandestina em Setúbal III - O 17 de fevereiro de 1934: O assassinato do operário Fernando Pedro Gil" in ***Revista da Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão***, n.º 19, primavera de 2022, pp. 16-22.

FERREIRA, Diogo, "O 17 de fevereiro de 1934: A morte do operário conserveiro Fernando Pedro Gil" in ***O Setubalense***, n.º 850 de 18/05/2022, pp. 6-7.

FERREIRA, Diogo, ***A Greve Geral Revolucionária de 18 de Janeiro de 1934 à beira Sado: O descuido estratégico e a ausência da 'Barcelona Portuguesa'***, Centro de Estudos Bocageanos, Setúbal, 2024.

LOPES, Maria Filomena Rocha, ***O sindicalismo português entre 1933 e 1974: orientações políticas e estratégicas do Partido Comunista Português para a luta sindical***, Tese de Doutoramento em História, FLUL, Lisboa, 2012.

PEREIRA, Alberto; LOPES, José Madureira, ***A Indústria de Conservas de Peixe em Setúbal***, Estuário, Setúbal, 2015.

RODRIGUES, Edgar, ***A oposição libertária em Portugal (1939–1974)***, Editora Sementeira, Lisboa, 1982.

ANEXO DOCUMENTAL

Testemunho de Jorge Artur Quaresma, contemporâneo dos acontecimentos:

"Em Abril ou Maio de 1934 [recordação temporal equivocada], *meses depois do 18 de Janeiro de 1934, aconteceu o que não podia deixar de se dar. O defeso ia começar e o consórcio dos fabricantes da conserva não tinham ainda pago o subsídio, a fome assolava os lares dos trabalhadores das conservas e a coisa estava fervendo, mas um um monte de mulheres rodeou o escritório da conserva* [C.P.C.S.], *na parte da Avenida Todi, para os lados do rio. O escritório continuava fechado, as mulheres vozeavam, uma multidão enchia a Avenida Todi, mas há um homem, trabalhador da fábrica, que pega numa pedra e a atira contra a vidraça de uma das portas. Era um acto de desespero, mas a mossa não foi grande, fez algum barulho, mas então as mulheres gritaram «os nossos filhos morrem de fome» e, num ímpeto, arrombaram as portas e partiram algumas coisas, berrando que queriam dinheiro, tinham fome!*

Entretanto, ouve-se gritar: «A polícia, a polícia!» E essas mulheres, que eram algumas centenas, acorreram em filas cerradas frente à polícia, aos gritos, «não temos pão para os nossos filhos!» E algumas mostravam os filhos de colo e exibiam os peitos descarnados. A polícia estacou, mandando-as destroçar, mas elas não paravam de gritar e chorar, juntamente com os gritos e choros dos bebés enfezados. Foi um pandemónio.

Eu estava em Lisboa, no emprego, que não durou mais do que um mês, mas quando vinha no barco soube do sucedido. Mas prosseguindo, a polícia chegou a ajoelhar-se em sinal de tirotear contra um exército de mulheres famintas e lacrimosas, algumas com filhos ao colo. Houve ordem de atirar para o ar, mas o certo é que alguns tiros foram baixos e, de tal maneira, que um

jovem foi atingido e caiu logo morto [Fernando Pedro Gil], *e um outro jovem foi atingido no rosto, ficando com uma face escalavrada. Esse jovem era conhecido pelo Dôlha de Setúbal, que esteve prostrado junto ao muro do Quartel de Infantaria 11. Um oficial disse: «vamos para o quartel, pois a guarda republicana está em sossego», e retirou-se daquela chacina feita pela polícia; os populares aplaudiram a guarda republicana, que se pusera neutra.*

A multidão nas ruas dizia: "mas onde estão essas espingardas, pistolas e bombas, que a polícia expôs na esquadra com um letreiro, dizendo: «Os bandidos queriam matar o povo de Setúbal?». Como deves calcular, o Povo referia-se ao material que foi encontrado aquando do 18 de Janeiro de 1934.

Os comerciantes fecharam as lojas, verberando a infâmia e o crime feito ela polícia, pois também houve feridos. O Moreira de Carvalho [capitão António Inocêncio Moreira de Carvalho, comandante distrital da PSP de Setúbal], *esse herói malandro, de metralhadora na mão, entrou na loja do meu pai* [barbeiro anarquista José Artur Quaresma, com estabelecimento junto ao antigo Hotel Esperança] *e disse-lhe: «Você sabe bem que esta casa é bem falada na terra. Feche já a casa e evacuem todos os que aí estão!». Quem assistiu, disseram que nunca viram um motim desta natureza."*

Fonte: RODRIGUES, Edgar, ***A oposição libertária em Portugal (1939–1974)***, Editora Sementeira, Lisboa, 1982, pp. 285–286. [Documento 12 – Testemunho de Jorge Artur Quaresma]

Ofício de 21/02/1934 do Capitão do porto de Setúbal para o Departamento Marítimo do Centro:

"Como é talvez do conhecimento desse Departamento, a grande imprensa diária noticiou que no sábado, 17 do corrente, tinha havido alteração da ordem pública em Setúbal, tendo a polícia que empregar os meios mais violentos para conseguir restabelecê-la; daí resultou a morte de um dos manifestantes e ferimentos graves em mais dois. A origem dos motins foi o ter, mais uma vez, começado o defeso da fabricação das conservas de sardinha sem estar qualquer coisa preparada para dar trabalho ou entreter, pelo menos, os numerosos operários que vivem dessa indústria. No ano passado deu-se a mesma coisa, mas havia a desculpa, absolutamente de aceitar, de não ter havido tempo para planear obras; deram, portanto, subsídios em dinheiro aos operários. Mas decorrido um ano não há desculpa que justifique essa falta; parece que seria mais proveitoso para todos, e muito principalmente para a disciplina, ter-se prevenido com tempo. [...]

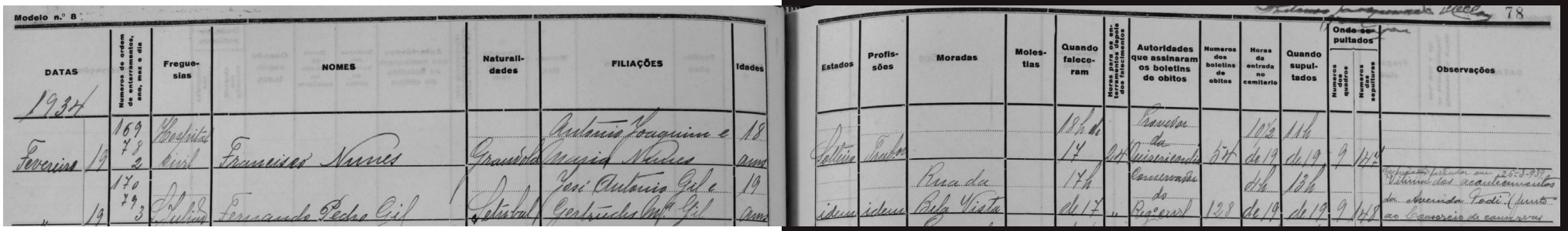
A propósito, deve dizer-se, que o homem morto durante os motins de sábado - um rapaz de 18 anos, Fernando Gil era irmão do grumete de manobra n.º 5793 José Gil, que, ou por estar de licença particular em Setúbal, ou por outro motivo que não se averiguou, estava em casa velando o cadáver.

Tendo a polícia receio de complicar o assunto, argumentando com a presença do grumete, e desejando as autoridades administrativas evitar a todo o custo que se fizesse uma projetada especulação com o funeral que, estava planeado, seria revestido de grande pompa, acompanhado de duas filarmónicas, apresentando em parada todas as forças operárias de Setúbal e, naturalmente imediações, percorrendo a cidade de lés a lés, apelaram para a Capitania ver, se com o seu prestígio, evitava essa manifestação que poderia ser princípio de grande incêndio. Para prestar todo o auxílio que fosse preciso e compatível com a força de que dispõe a Capitania, foi o patrão-mor, 1.º tenente a.m. Francisco

António Rocha, com poucas praças, depois de assente o plano a executar, pelas 3h da madrugada de domingo à casa onde estava o cadáver e aí fez ver ao grumete n.º 5.793, que se tornava necessário proceder a um inquérito aos factos desenrolados e que, portanto, era preciso levar o cadáver para a indispensável autópsia que ao que parece, a autoridade judicial tinha dispensado.

E, ao mesmo tempo que o dizia, ia executando o seu plano que era antecipar-se aos manifestantes, realizando o funeral às 3 da madrugada rapidamente numa camionete já preparada para tal. Convidou a família presente a acompanhar o corpo ao cemitério e lá foi, em grande velocidade, depositar o corpo no cemitério, evitando, sagas e ligeiramente, que se fizesse a pretendida exploração".

Fonte: CDI-ACM, Núcleo 174, Maço 659, Processo n.º 77 (Defeso do fabrico de conserva), Ofício n.º 279 de 21/02/1934 enviado pelo capitão do porto de Setúbal para o Departamento Marítimo do Centro.



Modelo n.º 8

DATAS	Numeros de ordem de enterramentos, ano, mez e dia	Freguesias	NOMES	Naturalidades	FILIAÇÕES	Idades	Estados	Profissões	Moradas	Molestias	Quando faleceram	Horas para os enterramentos dos falecimentos	Autoridades que assinaram os boletins de obitos	Numeros dos boletins de obitos	Horas da entrada no cemiterio	Quando supultados	Onde supultados: Numeros das quadras	Onde supultados: Numeros das sepulturas	Observações
1934																			
Fevereiro 19	169 78 2	Freguesia Livre	Francisco Nunes	Grândola	Antonio Joaquim e Maria Nunes	18 anos	Solteiro	Pescador			18 h 00 17	24	Francisco da Guimaraens Conservas do Ribeiro	574	10 h de 19	11 h de 19	9	1127	
" 19	170 79 3	Freguesia Sulina	Fernando Pedro Gil	Setúbal	José António Gil e Gertrudes Mª Gil	19 anos	idem	idem	Rua da Boa Vista		17 h de 17	"		128	4 h de 19	12 h de 19	9	1128	Requisição pertencia em 20-3-934 Ofício das acautelamentos do Amendoa Rodrigues ao Conservas de conservas

Registo de óbito de Fernando Pedro Gil (1934)

Fonte: Arquivo Municipal da C.M. de Setúbal, Fundo da C.M. de Setúbal, Serviços Urbanos, Cemitérios, Cemitério da Piedade, Inumações, Livro n.º 11, p. 78.